

## A INSTALAÇÃO DA VILA

Omar Simões MAGRO

Pode-se imaginar, sem grande dose de fantasia, a cena numa dessas lindas e ensolaradas tardes das vésperas de Natal.

O povo, alvoroçado, derrama-se pela praça da matriz, ainda não concluída. O vigário, os homens bons; a "Nobreza", como diz o auto, rodeia o desembargador, que vem revestido de sua toga, empunhando a vara da justiça. Seguem-no o juiz presidente da Câmara de Jundiáí, tenente Francisco de Paula Camargo (que era morador em Campinas) e os vereadores José Luiz de Quadros, José Vicente Ferreira (depois capitão-mor de Jundiáí) e João Rodrigues de Siqueira, todos de capa envolta e cabeleira comprida, empunhando estas suas varas pretas, sendo a do juiz vermelha.

Vêm depois os capitães Antônio Ferraz de Campos, Felipe Neri Teixeira, José de Camargo Pais, Antônio de Cerqueira Cesar, os tenentes José Alves de Lima, Pedro Gonçalves Meira, Domingos da Costa Machado, os alferes João José da Silva, José Antônio do Amaral, Inácio Cactano Leme e José Francisco de Moraes, e os engenheiros de açúcar, os fazendeiros, os negociantes, todos em trajes de festa. Mulheres espiam por detrás das rótulas.

Conduzindo o **livro da erecção**, lá vem o escrivão Vicente Ferreira e Almeida, seguido pelo porteiro Salvador Vieira da Maya. A "ordenança" estende-se pelo largo em fileiras, bambas, com o seu comandante à frente. Todo paramentado, o vigário padre Joaquim José Gomes, que tanto contribuíra para o sucesso, ali está, seguido por um menino do coro, que conduz a caldeirinha da água benta.

Bem ao centro da praça está um quadrado de tijolos, e perto, estendido ao solo, um mourão de cabriúva oitavado. As crianças, rompendo a multidão, olham curiosamente para aquele madeiro, muito intrigadas com ele, indagando da sua serventia. Alguns pedreiros esperam ao pé, pacientemente, tendo ao lado uma gamela de argamassa, na qual esperam as suas colheres. Próximo repousa o prumo e o nível d'água rebrilhando ao sol.

Chega o séquito oficial. Rufa por três vezes o tambor. O porteiro adianta-se e aparece isolado, cheio de importância. Então, tomada a vênica ao ouvidor, em altas vozes declara erecta a vila de São Carlos. Novos rufos. Aclamações. Vivas a Sua Majestade, a piedosa dona Maria I. Vivas ao Príncipe do Brasil, à Princesa, à sereníssima senhora Dona Carlota Joaquina, e à bebezinha sua filha que, insciente da honra, paraninfa assim mesmo o ato.

De repente, um silêncio. Avança agora o padre Gomes, com hissopo em punho; e, de acordo com o ritual, benze a coluna ainda estendida por terra. Ressoa, de novo, a caixa de guerra, e o porteiro anuncia que se vai erguer o pelourinho, "para signal de Jurisdiçam". Elevam os pedreiros aquele marco e o firmam sobre alguns degraus, bem ao centro do quadrado que tinham preparado. Está levantado o pelourinho: São Carlos é vila.

Nem bem cessa o clamor da turba, que rompera outra vez em aclamações, dirige-se o cortejo para a extremidade do largo oposto à matriz, onde se escolhera o lugar para os Paços do Conselho e a Cadeia. Com a mesma gravidade com que Rômulo dirigia a relha do arado, ao traçar a percinta sagrada da **Roma quadrata**, o ouvidor demarca o terreno e nele faz fincar três estacas... Estão terminadas as cerimônias ao ar livre.

Agora toda a gente vai para a **apousentadoria** do ministro, onde se faz a declaração do **rocio**, marcando-se para ele um quadrado de meia légua em cada lado, tendo por centro o pelourinho.<sup>1</sup> E logo, outra determinação: assinalam-se as divisas da nova vila, que fica separada de Jundiá pelo córrego da Rocinha.

Mas é tarde, e o doutor Caetano Luiz de Barros Monteiro precisa descansar. Com uma pena de ganso muito bem afiada, Vicente Ferreira vai lavrando os autos. O primeiro vai ainda datado da "povoação de Campinas", mas os outros já o vêm da Vila de São Carlos. Todos vão lançar suas firmas, uma simples, outras complicadas, ao uso do tempo. Está terminada a função.

Como não havia, naqueles tempos, festas cívicas sem luminárias, certamente teriam os novos cidadãos iluminado a frente de suas moradas, apenas escureceu. E nessa noite foram dormir orgulhosos, pois sentiam ter dado mais um passo na senda do progresso, como haveriam de repetir, mais tarde, os discursadores futuros. Felizmente para os são-carlenses, parece que essa raça ainda ali não era conhecida. Pelo menos, nenhuma homilia pronunciada pelo reverendo padre vigário, registram os autos.

(**Monografia...**, pp. 53-54)

(1) Houve, aqui, pequeno lapso do autor: a medida do rocio era não de meia légua, mas de um quarto de légua, aproximadamente um quilômetro e meio nas medidas atuais. Assim o diz o próprio termo de demarcação.